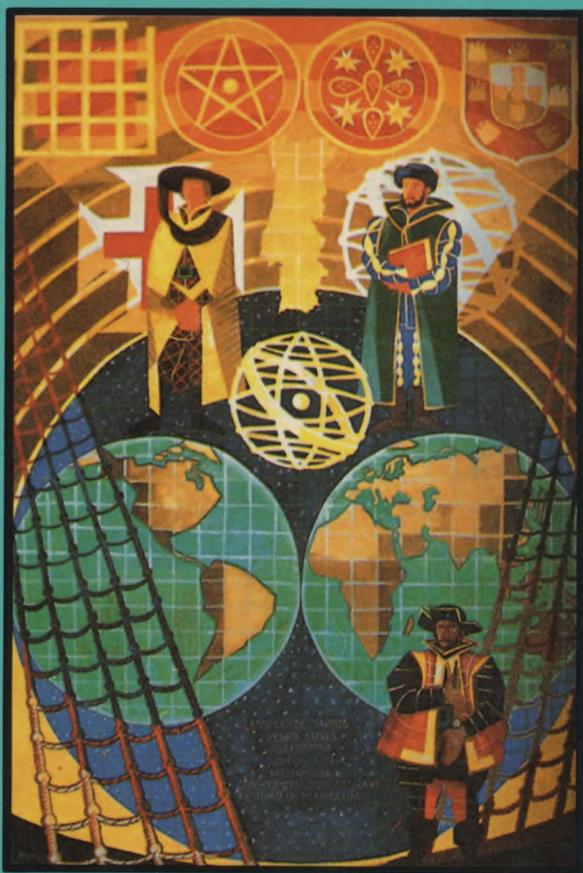


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 14

DESCOBRIMENTOS, EXPANSÃO E IDENTIDADE NACIONAL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1992

A HISTORIOGRAFIA DOS DESCOBRIMENTOS E EXPANSÃO ULTRAMARINA PORTUGUESA

No panorama da produção portuguesa a historiografia ultramarina ocupa o primeiro lugar, quer no aspecto quantitativo, quer, inegavelmente, também no qualitativo.

Tal é compreensível, num país que se tem definido por uma série de impérios ultramarinos, por uma sucessão de Ultramares. Se a História "é lição do Presente" inegavelmente também "o Presente é lição da História". Esta, na sua inteligibilidade e na sua opacidade, é iluminada pelas preocupações (pelas metodologias e pelos anseios) daquele.

Uma história da historiografia portuguesa dos Descobrimentos e Expansão (que no fundo seria praticamente sinónimo de uma história da historiografia portuguesa "tout-court") é algo que excede os limites que a nós próprios aqui devemos impor, num texto como este, apontado para o essencial.

O que iremos aqui apresentar será sobretudo uma visão sintética e descritiva, e não tanto uma problematização muito aprofundada.

Este texto (correspondente ao tema que apresentámos no Curso de Verão 1991 da Faculdade de Letras de Coimbra) retoma elementos do que temos escrito noutras ocasiões, nomeadamente em "A Historiografia dos Descobrimentos" (a publicar no *Dicionário de História dos Descobrimntos*, sob a direcção de Luís de Albuquerque, no prelo), *L'Historiographie des Découvertes Portugaises* (Paris, 1990), *A Historiografia dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa* (Coimbra, 1991).

Necessário será que tentemos uma rápida perspetivação das sensibilidades, dos fluxos, das causalidades da historiografia *

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

portuguesa nos dois últimos séculos, para nela tentarmos surpreender a preocupação ultramarina e seus determinantes.

Inegavelmente a correlação existe, entre por um lado o florescimento da investigação e produção historiográfica e pelo outro lado os ritmos das vicissitudes e das políticas ultramarinas e coloniais. E estas, sempre têm tomado o seu lugar — um lugar essencial — no jogo dos valores de que se tem construído o sentimento nacional e a consciência portuguesa, sempre oscilando entre os dois termos da "decadência" e da "regeneração", como mostra Joel Serrão.

Os precursores da Historiografia dos Descobrimientos

Não deveremos considerar os cronistas e autores historiográficos coevos dos descobrimientos e da expansão ultramarina portuguesa dos séculos XV-XVIII. Eles viveram a própria realidade que narram, e as suas obras — de que são exemplos a *Crónica dos Feitos de Guiné* de Gomes Eanes de Zurara, a *Crónica de El Rei D. João II* de Rui de Pina, a *Ásia* de João de Barros, o *Tratado dos Descobrimientos* de António Galvão, etc. — devem ser consideradas como fontes, e não como estudos. A sua análise e interpretação coloca problemas próprios e específicos, sobre os quais agora não nos deveremos debruçar.

Serão os autores que escrevem a partir dos fins do século XVIII, e sobretudo da primeira metade do século XIX, os que virão a tratar estas matérias já com um distanciamento propriamente de historiadores, numa época em que se viveriam condicionalismos bastante diversos daqueles que haviam presenciado a primeira vaga da expansão portuguesa.

Quando a moderna história portuguesa surge, na primeira metade do século XIX, a preocupação ultramarina está ausente da ideologia do seu principal obreiro, Alexandre Herculano (1810-1877). Tal é compreensível, pois o antigo liberal e futuro exilado de Vale de Lobos, como bom representante da escola romântica, cultivava um medievalismo "territorialista", necessariamente condenando os processos da centralização monárquica, da formação do Estado Moderno e da expansão ultramarina, todos interligados entre si e definindo a "modernidade" que, para o liberal medievalista, era sinónimo de decadência.

Mas no seu "continuador" Oliveira Martins (1845-1894) o

fomento ultramarino e o estudo e glorificação das gestas descobridoras encontram-se bem presentes e constituem pedras basilares da filosofia e do projecto de "regeneração" nacional da metrópole. Preocupado sobretudo com esta, não deixa o historiador de se debruçar sobre as navegações antigas e as colónias presentes, numa série de obras em que espraia a sua habitual capacidade de perspectivação global, roçando o impressionismo, mas apresentando ainda hoje ricos e valiosos repositórios de brilhantes sugestões e finas intuições.

Até Henrique da Gama Barros (1833-1925), esse sim, um lídimo herdeiro e continuador do mestre de Vale de Lobos, na sua monumental *História da Administração Pública em Portugal*, pasto dos medievalistas de todas as épocas, desenvolve aspectos, sobretudo económicos, relacionados com a expansão ultramarina do século XV.

Deve dizer-se que Alexandre Herculano é praticamente a excepção única na preocupação ultramarina da historiografia portuguesa (e, em boa verdade, não é completamente uma excepção, pois, embora pouco, até fez alguma coisa nesse campo: de parceria com o Barão de Castro de Paiva, publicou uma edição da relação de Álvaro Velho sobre a primeira viagem portuguesa à Índia, sob o título de *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, saída pela Imprensa Nacional em 1861).

Entre 1822 e 1836, entre a perda do Brasil e a legislação africana de Sá da Bandeira, época de guerra civil e crise, mas também de tentativa de a metrópole "viver sobre si" (j. Serrão), época da legislação metropolitana de Mousinho da Silveira, Portugal, tendo perdido um Império, não tinha começado ainda a desenvolver o seguinte, como tem feito sucessivamente em todas as épocas da sua história. Alexandre Herculano é bem o continuador de Mousinho da Silveira e o seu "territorialismo" desinteressado das problemáticas ultramarinas deriva disto mesmo.

Como adiante iremos referir mais pormenorizadamente, a preocupação histórica ultramarina vinha desde os fins do século XVIII, com Ribeiro Santos e Sebastião Trigo nas *Memórias* da Academia, e manteve-se na época de Herculano com o Visconde de Santarém, o Cardeal Saraiva, Costa Quintela, Costa Macedo, etc.

Compreensivelmente, desde logo nos seus inícios a historiografia portuguesa dos Descobrimentos e Expansão desenvolveu-se terçando armas no âmbito de polémicas que, mais do que puramente científicas, implicavam aspectos chauvinistas de política e diplomacia.

Não deverão os Portugueses ter por isso excessivos complexos,

pois não foi seu o exclusivo do chauvinismo incensador das glórias passadas ou do pioneirismo legitimador do imperialismo e da ambição colonial: todos o têm cultivado — franceses, espanhóis, italianos, alemães, etc.

Não é por acaso que, logo nos primórdios, a obra do Visconde de Santarém surgiu como reacção contra o saque das glórias portuguesas, promovido pelas infundadas e ridículas pretensões francesas de descobrimentos quatrocentistas. Não é por acaso que a obra de Joaquim Bensaúde se desenvolveu como reposição da justiça do mérito do desenvolvimento da ciência náutica peninsular, errónea e abusivamente reivindicado pelas pretensões alemãs teorizadas por Alexandre von Humboldt e outros. Não é por acaso, finalmente, que ainda há pouco, nas décadas de 30/40/50, correntes dominantes na historiografia portuguesa se empenharam na defesa das glórias passadas, emblematicamente corporizadas na figura criada do Infante D. Henrique, e muitas vezes chegaram a exageros em questões como as do "plano da índia" ou da "política de sigilo", e neste esforço se bateram historiadores absolutamente descomprometidos do Estado Novo.

Tudo isto se passou, primeiro no século XIX, que assistiu à preparação e à partilha da grande vaga colonial contemporânea pós-industrialização, mais tarde, nos meados e na segunda metade do século XX, quando da defesa e tentativa de legitimação que o governo português fez dos seus espaços ultramarinos.

Na época de exacerbação colonial que foi o último quartel do século XIX e primeira década do XX foram ferçadas as armas da crítica e da erudição, às vezes rudemente, quando das grandes comemorações que então ocorreram em série: das viagens de Colombo, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães.

Se tentássemos rastrear os ritmos da produção historiográfica apontada para temas ultramarinos, claramente concluiríamos esta correlação com o presente.

Desde os fins do século XVIII, no âmbito da renovação historiográfica encetada pela Academia das Ciências, encontramos o nome de eruditos tratando temas ultramarinos ou carreando materiais para o seu estudo, nas *Memórias de Literatura Portuguesa*. Assim, António Ribeiro dos Santos (1745-1818) trata temas de cartografia e matemática antigas, tal como da "novidade da navegação no século XV". Mais importante será Sebastião Trigo (1773-1821) que se dedica a temas como as viagens atlânticas e a figura de Martim Behaim, e publica, de 1812 a 1856, a grande colectânea intitulada *Colecção de Notícias para*

a *História e Geografia das Nações Ultramarinas, Que Vivem nos Domínios Portugueses ou Lhe São Vizinhos*. O trabalho de Sebastião Trigoso entra já claramente até meados do século XIX e estabelece a ligação com o período contemporâneo

Na mesma época, no estrangeiro, o segundo Visconde de Santarém, Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa (1791-1856), miguelista exilado, publica uma série de trabalhos de grande valor que lhe asseguram a sua posição de pioneiro da história da cartografia antiga, em acumulação com o título de precursor da historiografia dos descobrimentos portugueses. Salientemos a *Memória sobre a Prioridade dos Descobrimentos Portugueses na Costa da África Ocidental* (1841), os 3 volumes publicados do *Essai sur l'Histoire de la Cosmographie et de la Cartographie pendant le Moyen Age et sur les Progrès de la Géographie après les Grandes Découvertes* (1849-52).

Mais importante ainda é a publicação, que promove, de importantes fontes documentais portuguesas antigas, quer narrativas, quer, sobretudo, cartográficas. Entre as primeiras, avulta a *Crónica de Guiné* de Zurara (1841). Entre as segundas, deve ser sublinhada a relevância da publicação (pioneira a nível mundial) de atlas contendo reproduções de cartas antigas. Estes atlas destinavam-se a complementar ou ser complementados pelas memórias que escreveu.

Outros nomes ainda nos surgem nos meados do século XIX, como o de Costa Quintela (1763-1838), com os seus *Anais da Marinha Portuguesa*, de 1839, e o de Costa Macedo (1777-1867), com as suas memórias sobre o início das navegações e o descobrimento das Canárias.

Mas também significativa é a obra do Cardeal Saraiva, Fr. Francisco de S. Luís (1766-1845), nomeadamente o *índice Cronológico das Navegações, Viagens, Descobrimentos e Conquistas dos Portugueses desde o Princípio do Século XV até 1811*, publicado em 1841.

Detenhamo-nos para assinalar a importância deste facto: as duas grandes obras de meados de oitocentos precursoras da História dos Descobrimentos, as obras do Visconde de Santarém e do Cardeal Saraiva, são devidas, uma à pena de um miguelista, outra à pena de um liberal. A historiografia ultramarina que até agora referimos poderá ser classificada como correspondendo a um período da política portuguesa ainda dominado pela importância do Império brasileiro e pela sua perda, com consequentes convulsões e lutas entre liberais e absolutistas. Mas parece forçoso concluir-se que neste campo a guerra não existe: é comum a preocupação historicista ultramarina.

A partir dos meados do século XIX até às últimas duas décadas

do século, nada nos surge de muito significativo. Poder-se-ia dizer que este compasso de espera se explica pela conjuntura política pouco apontada para preocupações ultramarinas, pela Regeneração e seu desenvolvimentismo dirigido para o interior; perdido o Brasil nos inícios de Oitocentos não se tinha ainda começado a aproveitar a África como veio a acontecer nos fins do século.

A Historiografia dos fins do século XIX

Nas duas últimas décadas oitocentistas tudo se precipita e as edições sucedem-se, quantas vezes testemunhas de factos de grande importância na conjuntura colonial e política. E quantas vezes, mesmo, devidas à pena de intervenientes dessa conjuntura — veja-se o caso de Luciano Cordeiro (1844-1900), o importante publicista e defensor do fomento ultramarino, que também escreveu trabalhos de índole histórica, e quantos mais, políticos ou não, oficiais da Marinha e civis, republicanos ou monárquicos.

No ano de 1883 assiste-se à publicação por Luciano Cordeiro do seu estudo *De Como Navegavam Os Portugueses No Começo Do Século XVI* versando um tema que não mais deixará de estar no centro das preocupações historiográficas portuguesas.

À publicação de fontes também não é descurada. Andrade Corvo (1824-1890) apresenta em 1882 a sua edição do *Roteiro de Lisboa a Goa* de D. João de Castro (a primeira edição de um texto de Castro, o *Roteiro do Mar Roxo*, havia já sido publicada por Nunes de Carvalho em 1833). Ernesto do Canto publicava desde 1878 o *Arquivo dos Açores*.

Por volta de 1892 (antes, durante, e no seguimento imediato) os ânimos estão particularmente agitados. O Ultimato inglês havia ferido um rude golpe, a monarquia perde terreno, o espírito republicano prepara-se para somar pontos e as inteligências mobilizam-se, no campo da história, para a defesa das glórias nacionais a propósito da celebração do centenário internacional que então decorre, da viagem de Colombo. Essa defesa é feita não só contra as pretensões italianas, mas também espanholas.

No panorama interno português a glorificação dos descobrimentos e o desenvolvimentismo africano, não sendo questões pacíficas, são no entanto pontos comuns aos programas e às mitologias de monárquicos e de republicanos — estes últimos talvez ainda mais

"colonialistas" que os primeiros, ou pelo menos jogando na conjuntura as culpas do Ultimato à dinastia de Bragança.

De entre as publicações de 1892 destacaríamos: *Os Descobrimentos Portugueses e os de Colombo* de Pinheiro Chagas, obra condicionada pelas circunstâncias, de quem desempenhou cargos de Ministro da Marinha e do Ultramar e Presidente da Comissão Organizadora do Centenário da Índia; *Estudos sobre Navios Portugueses dos Séculos XV e XVI* do Comandante Henrique Lopes de Mendonça (1856-1931), obra notável e que marca uma época na sua especialidade, continuando ainda hoje a ser uma referência essencial. Este trabalho do grande especialista de arquitectura naval, republicano e autor de "A Portuguesa", rapidamente seguido por grande série de obras meritorias de muitos outros oficiais de marinha, foi publicado nas *Memórias da Comissão Portuguesa do Centenário do Descobrimento da América*, editadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa no próprio ano do Centenário. Aí foram também publicados outros estudos de valor, como *Os Navios de Vasco da Gama*, do Almirante Brás de Oliveira (1851-1917), *O Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral* pelo Com. Baldaque da Silva (1852-1915), a edição de Prospero Peragallo da *Caña de El-Rei D. Manuel aos Reis Católicos*, etc.

Também a publicação de fontes se continuava a fazer, saindo então a edição de Rafael Basto do *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira, e a colecção organizada por José Ramos Coelho designada *Alguns Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo Acerca das Navegações e Conquistas Portuguesas Publicadas por Ordem de S.F.M. ao Celebrarse a Commemoração Quadracentenária do Descobrimento da América*, que foi publicada pela imprensa Nacional, de Lisboa. Todos estes trabalhos constituíram a participação portuguesa no IV Centenário da Viagem de Colombo e do Descobrimento da América.

Logo em seguida surge-nos o grande erudito Francisco Marques de Sousa Viterbo (1846-1910), do estofa de um Braamcamp Freire, colaborador do *Arquivo Histórico Português*, que começa a partir desta época a produzir uma série de sólidos estudos e notícias de fontes, fruto do seu labor metódico no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. De entre estes trabalhos devemos distinguir muitos de interesse ultramarino, versando temas como a engenharia, a armaria e o fabrico de pólvora, as viagens terrestres da Índia a Portugal, a Carta de Pero Vaz de Caminha, etc.

De Sousa Viterbo particularmente notável é o seu *Trabalhos Náuticos dos Portugueses nos Séculos XVI e XVII*, 2 vols., Lisboa, 1898-

1900. Deste verdadeiro alfofre de informações se continuam ainda hoje a socorrer os historiadores.

A publicação de fontes continua sempre e, destas épocas, podemos apontar: *Cartas de Afonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, edição de R. A. de Bulhão Pato, 7 vols., Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1884; *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* de Femão Lopes de Castanheda, edição de Pedro de Azevedo e P.M. Laranjo Coelho, 4 vols., Coimbra, Universidade de Coimbra, 1924-33; *Lendas da Índia* de Gaspar Correia, edição de Rodrigo de Lima Felner, 4 vols., Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1859-66; *Subsídios para a História da Índia Portuguesa* contendo fontes várias publicadas por Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1868; *Os Tombos de Ceilão da Secção Ultramarina da Biblioteca Nacional*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1927; *Documentos Remetidos da Índia ou Limos das Monções*, edição de R.A. Bulhão Pato, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1880.

Entretanto entre 1892 e 1898 David Lopes (1867-1942) dá à estampa séries de fontes de origem oriental, preocupado já com qualquer coisa como uma "Visão do Outro" (*Chronica dos Reis de Bisnaga, Extrados da História da Conquista do Jaman pelos Otomanos, História dos Portugueses no Malabar por Zinadim*, etc.), António Baião inicia desde a época de 20 uma carreira de erudito que continuará até à década de 40. Publica-se um pouco por todo o lado, com especial relevância também para Goa onde estão activas as oficinas da Imprensa Nacional local. Também em Coimbra a Imprensa da Universidade, até ser extinta, publica muitas obras de interesse ultramarino.

Os grandes Historiadores deste século

Joaquim Bensaúde (1859-1952) surge-nos, na segunda década do século XX, publicando no estrangeiro uma série de obras que lhe asseguram um lugar cimeiro no panorama da historiografia dos Descobrimientos.

É sobretudo meritória a publicação de fontes, a que se dedicou numa primeira fase. Menor actualidade têm hoje em dia as sínteses, passíveis de contestação, que apresentou numa segunda fase. Elas foram no entanto úteis, como pontos de partida e como teses suscitando controvérsias.

Entre os trabalhos do primeiro tipo mencione-se a colecção de fontes que publicou na série de 7 volumes a que chamou *Histoire de la Science Nautique Portugaise*. Esta colecção, de 1914 em diante, com o patrocínio do Estado português, publicou edições fac-similadas de textos vários de náutica, ou com náutica relacionados, editados em Portugal, ou por portugueses, na época dos Descobrimentos.

Sobre a ciência náutica portuguesa dos séculos XV-XVI e suas origens, Bensaúde publicou obras importantes e pioneiras, como *L'Astronomie Nautique au Portugal à l'Époque des Grandes Découvertes*, Berna, 1912, onde pela primeira vez se estudam de uma forma sistemática as técnicas da navegação astronómica criadas pelos Portugueses no Atlântico.

A propósito da origem dessas técnicas, debruçou-se sobre a astronomia/astrologia judaica peninsular, cujo contributo para a criação da náutica astronómica afirmou, rebatendo a pretensa influência da astronomia alemã na marinharia portuguesa (sobretudo em *Les Legendes Allemandes sur l'Histoire des Découvertes Portugaises*, Genève, 1917-1920). Ainda aqui a influência do presente parece clara: um português de origem judaica, vivendo na Suíça, durante a I Grande Guerra, reivindicava para os seus compatriotas os méritos legítimos das glórias dos descobrimentos, errónea e abusivamente usurpados pelos Alemães nos últimos cinquenta anos.

Numa segunda fase, sobretudo a partir dos anos 30, Bensaúde teoriza as concepções do "plano da Índia" e do "espírito de cruzada" que se viriam a tornar tradicionais na historiografia portuguesa dos anos 30/40/50 e modernamente seriam objecto de análise e contestação por parte de novas perspectivas de história crítica, mais exigentes a nível de fundamentação e cronologia.

Os mais importantes trabalhos publicados por Bensaúde neste campo são: *A Cruzada do Infante D. Henrique*, 2ª. edição, Lisboa, 1942, *Les Débuts de la Grande Époque*, Lisboa, 1938, *Origine du Plan des Indes*, Coimbra, 1929, *Lacunes et Surprises de l'Histoire des Découvertes Portugaises*, Coimbra, 1930.

Para além de Bensaúde, outros especialistas das primeiras décadas deste século merecem ainda uma especial referência, nomeadamente Luciano Pereira da Silva (1864-1926), o autor de *A Astronomia de "Os Lusíadas"* (Coimbra, 1915), de quem viriam a ser publicadas as *Obras Completas* em 3 volumes em Lisboa, em 1943-1946, e ainda António Barbosa (1892-1946), autor de *Novos Subsídios para a História da Ciência Náutica Portuguesa* (Lisboa, 1938).

Entre os oficiais de Marinha que cultivaram com brilho a

investigação histórica deveremos referir, para além do já citado Henrique Lopes de Mendonça, ainda os nomes do Com. Abel Fontoura da Costa (1869-1940), a quem devemos o clássico *A Marinharia dos Descobrimentos* (Lisboa, 1933-1939) e do Com. Quirino da Fonseca (1868-1939) que escreveu *A Caravela Portuguesa e a Prioridade Técnica das Navegações Henriquinas* (Coimbra, 1934). Muito importante seria a extensa obra produzida ao longo das primeiras décadas do século pelo Aim. Gago Coutinho (1868-1958). Ela viria a ser reunida na colectânea chamada *A Náutica dos Descobrimentos* (Lisboa, 1951-1952).

A partir dos anos 20 é a verdadeira explosão na historiografia apontada para os Descobrimentos e a expansão ultramarina. Em quantidade e em qualidade os estudos proliferam, não só obras de autor mas também grandes obras monumentais em colaboração, que ainda mantêm hoje muita utilidade — por exemplo a *História da Colonização Portuguesa do Brasil* dirigida por Carlos Malheiro Dias (Porto, 1921-24), que constituiu uma das mais significativas realizações da cultura portuguesa do século XX.

A inteligência e a opinião pública portuguesas, sucessivamente pressionadas pelo desenvolvimentismo africanista, pelo Ultimato, pela implantação da República, pela defesa das colónias e consequente entrada na I Guerra Mundial, desmultiplicam-se em estudos e preocupações pelo passado e pelo presente das navegações e conquistas ultramarinas.

Enquanto no estrangeiro Bensaúde continua a produzir, surgem no país novas gerações de eruditos e de divulgadores, de publicistas e de historiadores. É em 1920 a publicação do ensaio — pioneiro de uma nova mentalidade — em que António Sérgio (1883-1969) dissecou os problemas da conquista de Ceuta e do lançamento e causalidade da Expansão; é o aparecimento dos primeiros trabalhos daqueles que serão nas décadas seguintes os grandes historiadores da especialidade, com obras monumentais, como Jaime Cortesão, Duarte Leite, Fontoura da Costa, Gago Coutinho, Quirino da Fonseca, Luciano Pereira da Silva, Armando Cortesão, e quantos mais.

Outra grande obra colectiva se publica: a *História da Expansão Portuguesa no Mundo* dirigida por A. Baião, H. Cidade, M. Múrias (Lisboa, 1937-40). Nesta obra colaboraram ainda alguns dos historiadores que haviam integrado a plêiade de eruditos e homens de cultura responsáveis pela *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, que já referimos atrás.

A partir das décadas de 30/40 é o começo do surgimento de

uma nova geração: Vitorino Magalhães Godinho (n.1918), herdeiro, por um lado do brilhantismo interpretativo e espírito de síntese de Jaime Cortesão, pelo outro, do criticismo e rigor metodológico de Duarte Leite; Avelino Teixeira da Mota (1920-1982), continuador de uma plêiade de brilhantes oficiais de marinha dedicados à sua história, desde Lopes de Mendonça, Gago Coutinho e Fontoura da Costa; Luís de Albuquerque (n.1917), herdeiro de uma tradição de rigor científico na história dos Descobrimentos que vem já de Luciano Pereira da Silva e Duarte Leite, como ele matemáticos.

Mas impossível seria referir aqui todos os nomes. Quantos não ficaram insuficientemente tratados, ou mesmo esquecidos, nestas linhas? Um Veiga Simões propondo novas sínteses, um Damião Peres (1889-1976) escrevendo seguros manuais (sobretudo a sua *História dos Descobrimentos Portugueses*, 2ª ed. rev, Coimbra 1960), um Joaquim Barradas de Carvalho levantando interessantes problemas, um Hemâni Cidade dedicando a esta área a sua análise de homem de cultura. E muitos mais.

De entre os estrangeiros, uma série muito grande, sobretudo entre os Ingleses, virados para as coisas do mar tal como os Portugueses, e fazendo-nos justiça, já desde a época vitoriana, então compreensivelmente interessados na figura e obra do Infante filho de Filipa de Lencastre (e um pouco responsáveis pela criação e ampliação do mito que sobre ele se desenvolveu).

Mas para além desses autores antigos — como Beazley e Major — cujas obras o tempo naturalmente gastou, seja-nos sobretudo permitido salientar a obra imensa do grande especialista da expansão ultramarina portuguesa que é Charles Ralph Boxer (n. 1904). Fernand Braudel considerou-o a maior autoridade nesta área científica. No decurso de toda uma longa vida ele tem acumulado pedra sobre pedra para o edifício do conhecimento do Império Ultramarino português (sobretudo no Oriente e Extremo Oriente, mas não só). A obra publicada de Boxer é imensa.

O Comandante Max Justo Guedes, da Marinha do Brasil, não deveria aqui ser incluído entre os estrangeiros. Ele não o é, no panorama da Historiografia dos Descobrimentos Portugueses que tem enriquecido com os seus trabalhos, em especial na importante *História Naval Brasileira*, que dirigiu.

Ainda entre os Brasileiros, refiram-se os estudos de José Roberto do Amaral Lapa, Manuel Nunes Dias, Arthur César Ferreira Reis, Moacyr Soares Pereira, e mais modernamente Maria Beatriz Nizza da Silva e outros.

Entre os Franceses sublinhe-se a importância de Frédéric Mauro, o grande especialista do comércio seiscentista e do Brasil colonial, uma obra igualmente dedicada ao estudo da expansão ultramarina portuguesa. O seu trabalho principal é o clássico *Le Portugal et l'Atlantique, 1570-1670. Étude Economique* (Paris, 1960), reeditado em 1983.

Igualmente devem ser referidos Jean Aubin, Geneviève Bouchon e o grupo da revista *Mare Luso Indicum*, (4 vols, publicados) a quem devemos trabalhos sobre a Índia e o Índico na época portuguesa.

Os autores italianos que se têm debruçado sobre os temas portugueses têm-se sobretudo orientado para questões de história da cultura (e da literatura em particular, com especial incidência na literatura de viagens). Para além de uma consagrada especialista como Luciana Stegagno Picchio, deveríamos citar outros nomes, como Carmen Radulet, Giulia Lanciani, Raffaella D'Intino, etc.

Deveremos ainda sublinhar as contribuições de muitos outros autores estrangeiros para a historiografia dos descobrimentos e colonização portuguesa, nomeadamente: Léon Bourdon (responsável em 1960 de uma edição em Dakar da *Crónica* de Zurara, e grande especialista em França de temas portugueses), Charles Verlinden (que tratou com grande relevo temas da colonização das ilhas atlânticas, etc.), Eric Axelson (o grande especialista das viagens e padrões de Diogo Cão e Bartolomeu Dias, bem como da presença portuguesa na África do Sul), W.G.L. Randles (que tem aprofundado de uma maneira muito actualizada problemáticas relacionadas com a África Meridional e com as viagens quatrocentistas), Reyer Hooykaas (que em *Science in Manueline Style* [1981] apresentou uma belíssima visão do hibridismo entre modernidade e tradicionalismo que serviu de pano de fundo à ciência nos Descobrimientos).

Já o dissemos, e não é demais repeti-lo: as grandes Celebrações, as monumentais Exposições, (e todas as formas de comemorativismo similares, que desde sempre foram feitas) não deixaram, de um modo geral, grandes resultados no que diz respeito a consequências duradouras. Pelo contrário sempre sobretudo se esgotaram (e esgotaram recursos) com um típico gosto português pelo comemorativismo superficial, que tantas vezes obstaculiza a verdadeira maneira (trabalhosa mas fecunda) de homenagear o passado: a construção do futuro, em bases sólidas e duradouras, com publicação de obras criteriosas e, sobretudo, de instrumentos de trabalho.

De entre as diversas comemorações celebradas ao longo dos

anos, deveremos referir a Exposição do Mundo Português, de 1940, de que pouco ficou, e as Comemorações Henriquinas, de 1960, de que alguma coisa persistiu de mais útil.

Entre as grandes realizações levadas a cabo nessas celebrações de 1960, algumas podem ser consideradas como tendo ultrapassado o comemorativismo fácil. Devemos salientar esses grandes monumentos que são as recolhas e publicações de fontes, quer escritas, quer cartográficas: os *Monumenta Henricina* devidos a A.J. Dias Dinis e outros (apesar de tudo limitados por algumas insuficiências de critério) e sobretudo os *Portugaliae Monumenta Cartographies*, de Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota (a todos os títulos uma obra notável, valiosa e duradoura).

Para além das suas obras individuais, ambas notáveis e notavelmente profícuas, Armando Cortesão e Teixeira da Mota puderam em 1960 realizar juntos, em colaboração, o sonho que até então ambos idealizavam, cada um pelo seu lado, e para o qual há muito tempo já estavam reunindo condições e materiais. Esse sonho era o da publicação de uma colectânea completa e exaustiva de todos os exemplares que ainda subsistissem da Cartografia Antiga Portuguesa, com reproduções dos espécimes e com textos e notícias críticas acerca deles e dos seus autores.

Os *Portugaliae Monumenta Cartographies* mantêm hoje ainda uma imensa utilidade. Eles são algo de notável e de monumental, representando um enorme esforço e não receando comparação com quaisquer obras congêneres estrangeiras, pois dela só saem engrandecidos.

O grande levantamento e estudo sistemático da Cartografia Portuguesa, da responsabilidade de Cortesão e Teixeira da Mota, foi portanto integrado nas comemorações dos Descobrimentos realizadas em 1960, e sem dúvida constituiu o seu mais valioso resultado, ficando para futuro como o que de mais sólido e duradouro se fez então nessas comemorações.

O passado recente e o futuro próximo da Historiografia dos Descobrimentos

A partir dos primeiros anos da década de 60 podemos considerar que se inaugura um novo período.

Os anos de 1958-60 e o contexto histórico e historiográfico que serviu de pano de fundo às Comemorações Henriquinas e à publicação

dos *Portugaliae Monumenta Cartographiae* podem ser caracterizados como sendo uma época de grandes transformações, não só na sociedade portuguesa mas também no panorama historiográfico, e mais concretamente no da historiografia ultramarina.

Nesses anos de 1958-1960 não tinha ainda começado a guerra na Guiné e em Angola e Moçambique. Estes anos balizaram aquilo que podemos considerar uma época charneira na historiografia dos Descobrimientos, não só no que dizia respeito aos círculos oficiais, mas também no que dizia respeito aos historiadores descomprometidos desses círculos — e não deveremos esquecer que muitos dos maiores historiadores dos Descobrimientos se encontravam nesta última situação.

Assentando no florescimento anterior, e ao mesmo tempo inaugurando novas direcções, surgiram várias obras extremamente significativas, que não só fizeram o ponto da situação, como estabeleceram bases que chegam à actualidade.

A mais significativa será *Os Descobrimientos Portugueses*, obra de cúpula que culmina o vasto labor de Jaime Cortesão (1884-1960).

Este autor deverá ser referido à parte. Ao longo de toda uma vida de trabalho e exílio, longe de quaisquer escolas ou academias, evoluindo da Poesia à História, ele amadureceu e ergueu sozinho, pacientemente, um edifício que não pode ser ignorado ou menosprezado — e que se impõe pela sua coerência global, pela sua continuidade conceptual e pela sua monumentalidade.

Muitas críticas são às vezes feitas ao teorizador de hipóteses discutíveis e de problemáticas de difícil solução, de que os melhores exemplos serão "o sigilo como teoria geral dos Descobrimientos" ou "o franciscanismo como mística dos Descobrimientos". Mas ninguém poderá negar o facto de que as hipóteses que Cortesão despoletou, retomou, ou desenvolveu, foram sempre fecundas, mesmo quando arrojadas.

Foram sempre úteis, mesmo quando controversas. Por isso a sua sombra domina toda a História dos Descobrimientos Portugueses. As suas intuições contribuíram decisivamente para a abertura de novos caminhos, ultrapassando a historiografia positivista dos Descobrimientos. As suas teses transformaram-se em verdadeiros lugares comuns, às vezes excessivamente simplificados e esquematicamente articulados (mas esse é um defeito mais visível nos imitadores do que no original). E ninguém pode negar que a imaginação e a criatividade são tão necessárias ao trabalho científico quanto o são a exegese erudita e a heurística.

E muito menos se poderá afirmar — como muitas vezes ainda se continua a repetir de urna forma injusta e apressada — que Jaime Cortesão foi um simples curioso, divulgador e criador de hipóteses brilhantes mas discutíveis. Ele foi um sólido pesquisador e editor de documentos, e isso não só a nível do seu labor na História da Colonização do Brasil (onde esta característica é imensa e indesmentível) mas também a nível da História dos Descobrimentos Portugueses.

O seu primeiro trabalho de índole histórica é *A Expedição de Pedro Alvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*, de 1922. Muito mais tarde, durante o seu longo exílio no País Irmão, dedicar-se-ia de novo aos temas brasileiros, em séries de obras sobre a topografia do descobrimento da terra, a diplomacia portuguesa e a definição territorial da colónia setecentista, as Bandeiras e os Bandeirantes, a Cartografia Antiga do território.

Os grandes temas de História dos Descobrimentos, que mais tarde retomou e desenvolveu, foram por si logo apresentados em trabalhos dos primeiros tempos, por exemplo "Do Sigilo Nacional sobre os Descobrimentos", na revista *Lusitânia*, Lisboa, 1924, "O Franciscanismo e a Mística dos Descobrimentos" na revista *Seara Nova*, Lisboa, 1932.

O primeiro destes temas foi mais tarde desenvolvido em trabalhos como *Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses* (Lisboa, 1940) ou *A Política de Sigilo nos Descobrimentos* (Lisboa, 1960).

Já da maturidade científica alcançada, são os capítulos sobre expansão ultramarina que escreveu para obras colectivas, como por exemplo a *História de Portugal* dirigida por Damião Peres.

Podemos dizer que "Os Factores Democráticos na Formação de Portugal", que havia escrito para a *História do Regime Republicano em Portugal*, marca o início do período da plena maturidade.

A obra *Os Descobrimentos Portugueses* — que deixou inacabada ao falecer em 1960 — é a cúpula final, retomando e completando toda a construção da produção historiográfica do autor.

Como dissemos atrás, esta construção é caracterizada por uma continuidade conceptual muito grande, por um brilhantismo interpretativo muito marcado, e por um rigor na maior parte dos casos suficiente, embora num ou noutro ponto discutível.

Outras obras de grande fôlego se publicam nos primeiros anos da década de 60. Os esparsos de Duarte Leite (1864-1950), reunidos e apresentados por V. Magalhães Godinho, são publicados sob o título de *História dos Descobrimentos* (1958-60).

Damião Peres publica a segunda edição, revista e aumentada (definitiva) do seu seguro e sólido, embora tematicamente limitado, manual: a *História dos Descobrimientos Portugueses* (Coimbra, 1960). Orlando Ribeiro publica *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*. Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, já então grandes autoridades a nível da História da Cartografia Antiga, editam a sua grande obra de parceria, que atrás referimos.

Luís de Albuquerque (n.1917) publica a sua *Introdução à História dos Descobrimientos* (Coimbra, 1959) retomando, com novo espírito e metodologia, rigor e actualização, as áreas técnicas e científicas, de que se tomará o maior especialista português e um grande especialista a nível mundial, com uma obra muito extensa publicada ao longo das décadas seguintes.

Vitorino Magalhães Godinho (n.1918) publica *A Economia dos Descobrimientos Henriquinos* (Lisboa, 1961), lançando o estudo sério das temáticas económicas e sociológicas, esses campos que até então haviam sido tão descuidados e recusados pela historiografia tradicional dos Descobrimientos. No seguimento desta obra surgirão as outras do autor. O seu trabalho sobre a economia do império português nos séculos XV-XVI — há pouco reeditado em versão definitiva, revista e aumentada, sob o título de *Os Descobrimientos e a Economia Mundial* (Lisboa, 1981-83) — havia sido primeiro apresentado em França, e a sua primeira edição portuguesa havia sido publicada em 1963-65. Desde logo ele se havia cotado como o mais sólido e completo estudo da Expansão Ultramarina Portuguesa nos seus aspectos económicos e sociais, e havia transformado o seu autor no maior especialista da matéria.

Luís Ferrand de Almeida (n.1922) edita em 1957 em Coimbra o seu primeiro trabalho de maior vulto, *A Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil*, iniciando uma série que culminará com a sua grande obra *A Colónia do Sacramento na Época da Sucessão de Espanha* (Coimbra, 1973).

A partir dos anos sessenta, muitas obras de valor se continuaram a publicar, e muitos autores continuaram a surgir, no campo estrito da História dos Descobrimientos e Expansão, ou em campos afins (campos que de qualquer modo se relacionam com ela, quer cronologicamente quer tematicamente). A maior parte destes autores chegam até à actualidade, e constituem hoje em dia os mais representativos exemplos da historiografia portuguesa, a que se vieram juntar recentemente autores de uma geração mais jovem.

Pode dizer-se que existem hoje alguns grandes mestres na área

dos Descobrimentos e Expansão Ultramarina, que a ela dedicaram a sua vida e obra. De facto, deveremos realçar sobretudo três individualidades: Luís de Albuquerque, Charles Ralph Boxer e Vitorino Magalhães Godinho. São figuras capazes de reunir grande prestígio científico em termos nacionais e internacionais e/ou efectiva continuidade de produção — quer de trabalho próprio, quer de capacidade de congregar à sua volta os especialistas nacionais e estrangeiros actualmente trabalhando na área dos Descobrimentos Portugueses.

Existe uma nova geração de historiadores dos descobrimentos e presença portuguesa no Mundo, que poderá inspirar-se nos exemplos dos grandes especialistas do passado, e dar continuidade a esta área científica.

Quem são os especialistas de que hoje em dia dispomos, quer figuras prestigiadas, quer historiadores da nova geração? Infelizmente não são muitos. Mas, ainda assim, são bastantes e, em alguns casos, são mesmo grandes professores e investigadores de nomeada.

Poderíamos aqui referir, por entre jovens e consagrados, tendo em conta os autores com obra publicada e passível de apreciação pela comunidade científica: quanto aos Antecedentes e Causalidade da Expansão (História Medieval): Salvador Dias Arnaut, A.H. de Oliveira Marques, José Mattoso, Maria Helena da Cruz Coelho, H. Baquero Moreno, Luís Adão da Fonseca, João Silva de Sousa; aspectos políticos e administrativos da Expansão ultramarina e da sociedade portuguesa da época: Jorge Borges de Macedo, Charles R. Boxer, F.M. Mendes da Luz, J. Veríssimo Serrão, António Vasconcelos de Saldanha, Maria Manuela Mendonça; aspectos económicos e sociais: Frédéric Mauro, Manuel Nunes Dias, Vitorino Magalhães Godinho, A. Borges Coelho, António de Oliveira, Armando de Castro, Aurélio de Oliveira, J. Romero de Magalhães (aspectos económicos e sociais da sociedade portuguesa dos séc. XV-XVII); emigração e reflexos na época contemporânea: Joel Serrão; colonização das Ilhas Atlânticas: Charles Verlinden, A. Teodoro de Matos, Olímpia da Rocha Gil e J. Marinho dos Santos (Açores), Alberto Vieira, Rui Carita (Madeira); Marrocos: A. Dias Farinha, M.A de Lima Cruz; África Negra: Maria Emilia Madeira Santos, António Ferronha, Yoro Fali (Noroeste Africano e Cabo Verde), Jill Dias, W.G.L. Randles e Eric Axelson (África Austral); Oriente e Extremo Oriente: Luís Filipe Reis Thomaz, Vitorino Magalhães Godinho, Luís de Albuquerque, C.R. Boxer, A. Teodoro de Matos, A. A. Tavares, Jean Aubin, Geneviève Bouchon (Oceano Índico e Índia); Novo Mundo e Brasil: Luís Ferrand de

Almeida (aspectos diplomáticos e da formação do sul do Brasil), Max Justo Guedes (descobrimiento e história naval), J.R. Amaral Lapa, Frédéric Mauro (aspectos económicos e sociais), Maria Beatriz Nizza da Silva, Alfredo Pinheiro Marques, Jorge Couto, bem como Manuel Nunes Dias e ainda muitos outros historiadores brasileiros; aspectos culturais da Expansão: Luís de Matos, J.S. Silva Dias, António José Saraiva, Luciana Stegagno-Picchio, J.V. de Pina Martins, Américo da Costa Ramalho (Humanismo Renascentista), Reyer Hooykaas (teoria da Ciência), Carmen Radulet, Luís Filipe Barreto; aspectos técnicos e científicos: Luís de Albuquerque (náutica), A. Estácio dos Reis (instrumentos náuticos), Inácio Guerreiro, Alfredo Pinheiro Marques (cartografia), Rogério de Oliveira, F. Contente Domingues (arquitectura naval); relações de viagens e literatura náutica: J. Manuel Garcia, J. Rocha Pinto; aspectos artísticos: Pedro Dias, Vítor Serrão, Rafael Moreira. E outros autores deveriam ainda ser referidos, com obras em campos mais específicos ou dispersos, mas que nem por isso deixam muitas vezes de ter grande valor.

Muitas tentativas e intenções eram já de há muito ensaiadas e expressas, com vista a ser colmatada a grande lacuna que significava a falta de uma moderna e actualizada obra colectiva que servisse de visão de conjunto sobre a história da expansão ultramarina. E isso foi recentemente realizado, através dos seis volumes de *Portugal no Mundo*, recentemente publicado sob a direcção de Luís de Albuquerque (Lisboa, 1989-1991).

Sob o signo das grandes obras atrás referidas, de Jaime e de Armando Cortesão e de V. Magalhães Godinho, de Teixeira da Mota e de Luís de Albuquerque, se chega à actualidade.

Não nos conseguimos, ainda, de facto, libertar da sombra das grandes obras da geração de 60. Deverá mesmo referir-se que, nos últimos anos, depois das transformações políticas subsequentes ao 25 de Abril de 1974, as áreas relacionadas com as temáticas ultramarinas sofreram um choque — talvez natural, mas injustificadamente destrutivo e prolongado — e uma desertificação, esta vindo de trás, de antes da descolonização, e originada no acumular de contradições e no cruzamento de preconceitos, que, umas e outros, devemos ultrapassar, para bem do necessário desenvolvimento e continuidade (e, sobretudo, renovação), daquela que é, e sempre será, a mais importante, significativa e interessante parte da História de Portugal.

Devemos continuar este estudo, hoje certamente armados de um novo espírito, para além de todo o etnocentrismo, compreendendo a Grande Aventura sobretudo como um Encontro de Culturas.

As grandes Comemorações que se aproximam, neste fim de século, serão certamente uma ocasião privilegiada — uma oportunidade importante e uma obrigação irrecusável — para este esforço (que é ao mesmo tempo um esforço de afirmação da memória colectiva e da identidade nacional de um povo). Só deveremos exprimir votos de que nelas seja possível ultrapassar o comemorativismo superficial e a polémica estéril, o circunstancialismo vazio e o sectarismo mesquinho, através da efectiva produção de instrumentos de trabalho e de obras que fiquem para sempre, que dêem conta do esforço da nossa geração e que sejam úteis aqueles que no grande mar do futuro navegarem nestes caminhos, continuando a memória da História de Portugal e da sua Presença no Mundo.

Bibliografia sumária

- ALBUQUERQUE, Luís de, "Historiografia sobre a Náutica Portuguesa dos Descobrimentos", in *A Historiografia Portuguesa de Herculano até 1950*, Lisboa, APH, 1978, pp. 357-369.
- BOXER, Carles Ralph, "Some Considerations on Portuguese Colonial Historiography", in *Actas do Coloquio Internacional de Estudos Luso Brasileiros (Washington, 1950)*, Nashville, Vanderbilt University, 1953, pp. 169-180.
- DEPREZ, Eugène (ed.), *Travaux pour l'Histoire des Grands Voyages et Grandes Découvertes. Bibliographie 1912-1931*, Paris, Comité International des Sciences Historiques, 1937.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 2 ed. rev., Vol IV, Lisboa, Presença, 1983 (Fontes e Bibliografia, pp. 227-308).
- MARQUES, Alfredo Pinheiro, *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa. Estudos*, Lisboa, BNL, 1988.
- MARQUES, Alfredo Pinheiro, "L'Historiographie des Découvertes Portugaises", in *Actes du Colloque La Découverte, le Portugal et TEurope (Paris, 1988)*, Paris, Centre Culturel Portugais - Fondation Calouste Gulbenkian, 1990, pp. 1-12.
- MARQUES, Alfredo Pinheiro, *A Historiografia dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, Coimbra, Livraria Minerva, 1991.
- PEDROSO, Zózimo Consiglieri, *Catálogo Bibliográfico das Publicações Relativas aos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1912.

Sobre este tema existe uma base de dados informatizada, a

Bibliografia Internacional dos Descobrimentos e Encontros Ultramarinos
— *International Bibliography of the Discoveries and Overseas Encounters*,
criada em Coimbra, Portugal, por Alfredo Pinheiro Marques.